

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NA GUERRA FRIA:
DO MOVIMENTO SECUNDARISTA ANTI-GOULART À LIGA MUNDIAL
ANTICOMUNISTA NA DITADURA (O NEXO CLACE-SEPES, 1962-1977)**

**LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EXTREMA DERECHA BRASILEÑA EN LA
GUERRA FRÍA: DEL MOVIMIENTO SECUNDARIO ANTIGOULART A LA LIGA
MUNDIAL ANTICOMUNISTA EN LA DICTADURA (EL NEXO CLACE-SEPES, 1962-1977)**

**THE INTERNATIONALIZATION OF THE BRAZILIAN EXTREME-RIGHT IN THE
COLD WAR: FROM THE ANTI-GOULART SECONDARY MOVEMENT TO THE
ANTICOMMUNIST WORLD LEAGUE IN THE DICTATORSHIP (THE CLACE-SEPES
NEXUS, 1962-1977)**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v16i1.59556>

Rodolfo Machado¹

Resumo: Questionando o bolsonarismo como primeiro exemplo de extrema-direita internacionalizada, o artigo apresenta organizações anticomunistas pioneiras na internacionalização do ultrarreacionarismo brasileiro. Reconstitui a ação de veteranos e secundaristas na conspiração anti-Goulart, no pré-1964, centrando-se no *profissional da espionagem* Wladimir Lodygensky, na Sociedade de Estudos Interamericanos, no seu braço estudantil e seus nexos com o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. Apresenta como ex-dirigentes *clacistas* estruturaram, desde 1971, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais, filiando-a à Liga Mundial Anticomunista. Ampara-se na produção historiográfica, bem como nos arquivos do Serviço Nacional de Informações.

Palavras-chave: SEI. CLACE. IPÊS. SEPES. WACL.

Resumen: Cuestionando el bolsonarismo como primer ejemplo de extrema derecha internacionalizada, el artículo presenta organizaciones anticomunistas que fueron pioneras en la internacionalización del ultrareaccionarismo brasileño. Reconstruye la acción de veteranos y estudiantes de secundaria en la conspiración anti-Goulart, en el período anterior a 1964, centrándose en el espía profesional Wladimir Lodygensky, la Sociedad de Estudios Interamericanos, su brazo estudiantil y sus vínculos con el Instituto de Investigaciones y Estudios Sociales. Presenta cómo los antiguos líderes *clacistas* estructuraron, desde 1971, la Sociedad de Estudios Políticos, Económicos y Sociales, afiliandola a la Liga Anticomunista Mundial. Se basa en la producción historiográfica, así como en los archivos del Servicio Nacional de Información.

Palabras clave: SEI. CLACE. IPÊS. SEPES. WACL.

Abstract: Questioning Bolsonaroism as the first example of internationalized extreme right, the article presents anti-communist organizations that were pioneers in the internationalization of Brazilian ultra-reactionaryism. It reconstructs the action of veterans and high school students in the anti-Goulart conspiracy, in the pre-1964, focusing on the professional spy Wladimir Lodygensky, the Society for Inter-American Studies, its student arm and its links with the Institute for Research and Social Studies. It presents how former Clacist leaders structured, since 1971, the

Society for Political, Economic and Social Studies, affiliating it to the World Anticommunist League. It is based on historiographical production, as well as on the remaining archives of the National Information Service.

Keywords: SEI. CLACE. IPÊS. SEPES. WACL.

Introdução

As efemérides dos 60 anos do golpe de 1964, que entronizou a mais longeva ditadura empresarial-militar da nossa história, ocorrem num paradoxo: o bolsonarismo, o mais bem-sucedido movimento da extrema-direita nacional, encontra-se aliado do Executivo Federal, mas não da política e do poder; e encontra-se na iminência da prisão de seu líder, o ex-presidente da República Jair Bolsonaro, por conta de seu papel de mentor ideológico de uma intentona golpista desdobrada nos estertores de seu governo e que culminou, em 8 de janeiro de 2023, na invasão da Praça dos Três Poderes de Brasília, o “Capitólio” brasileiro. Como fenômeno histórico mais amplo, constituindo uma nova ultradireita insurgente de massas, saudosista da ditadura de 1964 e policlassista – com apelo e enraizamento nas classes médias, burguesas e trabalhadoras –, o bolsonarismo recalitra na sociabilidade e na política nacionais, apesar de sua derrota à presidência da República para seu rival Luís Inácio Lula da Silva em 2022. Persiste como poder ideológico na sociedade e no Estado, fidelizando base sólida de apoiadores e militantes, a despeito da cassação dos direitos políticos de Bolsonaro, inelegível por oito anos graças ao Judiciário.

Apequenar esse *feito* do bolsonarismo e *caricaturizar* os seus *ditos*, escamoteia o desafio histórico que seu projeto modernizador-regressivista representa. Como ensina um especialista, é preciso *caracterizar* o bolsonarismo histórica e ideologicamente, fugindo às *caricaturizações* que, apenas ridicularizando cariz folclórico, esquecem-se do principal: a decifração da lógica ideológica específica do objeto específico a ser analisado, combatido e superado (ROCHA, 2021, p. 23)².

Nesse sentido é que deve ser vislumbrada a exitosa internacionalização da ultradireita verde-amarela promovida pelo bolsonarismo no período em que ocupou a presidência da República autocrático-burguesa brasileira. Entre 2019-22, o bolsonarismo nutriu e aprofundou interrelações anticomunistas com suas contrapartes transnacionais, seguindo a estrela-guia do trumpismo norte-americano e conjugando-se com o orbanismo húngaro e com uma miríade de congêneres extremistas.

A *famiglia* Bolsonaro, seguindo o estrategista trompista Steven Bannon, integrou e promoveu “O Movimento”, a “Internacional” das revoltas do ultrarreacionarismo do século XXI. Quando Donald Trump deixou a presidência em 2021, revelou-se que a liderança desse internacionalismo ultradireitista apostou no Estado brasileiro – em seu chanceler tradicionalista Ernesto de Araújo, o “Anti-Illuminista” – a fim de perenizar as redes transnacionais de uma nova/velha cruzada anticomunista. Em 2024, acuado pelas investigações que apuram sua responsabilidade criminosa na intenta golpista de 8 de janeiro de 2023, Bolsonaro lamentou ter sido impedido de participar da *Conservative Political Action Conference* (CPAC), o fórum principal do internacionalismo ultradireitista contemporâneo, uma vez que a Polícia Federal apreendera seu passaporte na Operação *Tempus Veritatis*.

Por esses *ditos* e *feitos*, não à toa, o bolsonarismo é tomado como o “1º exemplo de extrema-direita brasileira internacionalizada”, julgando-se que “a primeira vez em que a direita brasileira tem uma dimensão internacionalista é agora, com Bolsonaro” (AZEVEDO, 2022)³. Avaliações como esta, todavia, não são sufragadas pela fatualidade histórica. Se é tempo de verdade, se chegamos “no dia D, na hora H” da responsabilização jurídica de golpistas paisanos e militares, é salutar que primeiro se reconheça um dado histórico básico: *a internacionalização da extrema-direita brasileira é mais antiga do que se supõe*.

Tomando a sério um dito popular, “o diabo é o diabo não porque é sábio, mas porque é velho”, o mesmo se pode dizer da ultradireita no Brasil. Doravante, este artigo lançará luz a *um caso histórico pioneiro de transnacionalização da extrema-direita nacional*, concretude histórica desconhecida da historiografia e literatura em geral. Contrariando a tendência deletéria de *caricaturizar/folclorizar* em vez de *caracterizar* a violenta ultradireita brasileira, cuja *alucinose anticomunista* é real e operante, debruçar-se-á sobre uma rede específica da extrema-direita no país que, no pré-1964, já se encontrava internacionalizada.

No marco da conspiração contra João Goulart, será assim analisado o Centro Latinoamericano de Coordenação Estudantil (CLACE), demarcando seus nexos com a polícia política do período e suas conexões com a Sociedade de Estudos Interamericanos (SEI), sua organização-controladora. A SEI esteve dirigida pelo suíço de origem russa Wladimir Lodyginsky, cujo pai havia sido um colaborador nazista expressivo, fundador da *Entente Internationale Anticomunist* (EIA) na Suíça. Na conspiração do pré-1964 brasileiro, valendo-se da pioneira tese do historiador Vicente Gil da Silva (2020), bem como de documentos do Arquivo Nacional, resgatar-se-ão os nexos transnacionais de Lodgyginsky com os serviços secretos dos EUA e sua cooperação com o *think tank* Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) na articulação que, em 1964, levou à derrubada de Jango.

O artigo reconstitui a ideologia e a ação política na década de 1970 de ex-membros do CLACE da SEI, resgatando-se o papel de alguns líderes *clacistas* na estruturação da Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES) e na sua filiação à Liga Mundial Anticomunista (WACL, em inglês). Demarca aí a ascensão meteórica de antigos dirigentes *clacistas* na presidência da própria WACL e na de seu braço estudantil, a Liga Mundial Anticomunista da Juventude (WYACL, em inglês), momento-clímax do processo de internacionalização da ultradireita brasileira na Guerra Fria, durante e em associação com a ditadura.

O artigo aventa conclusões sobre os motivos do atraso da historiografia em relação à inserção dessas extremas-direitas brasileiras nessas redes transnacionais anticomunistas da Guerra Fria. Ignorância historiográfica tributada tanto ao caráter dissimulado de muitas dessas conexões repressivas quanto à tendência hegemônica de apenas *caricaturizar* a ultradireita brasileira, quando, ao contrário, seria preciso *caracterizá-la* ou *desfolclorizá-las* em suas efetividades existenciais próprias, na mundaneidade das lutas de classes, onde encontram a razão de ser e persistir de seu caráter lunático e irracionaisismos ideológicos. Isso em um país no qual a extrema-direita já demonstrou ser capaz de ir muito mais longe do que se costumava ingenuamente imaginar, de 1º de abril de 1964 a 8 de janeiro de 2023, ainda encontrando força ideológica, como visto na Avenida Paulista a 25 de fevereiro de 2024, para lançar mobilizações de massa.

Veteranos e secundaristas anticomunistas na conspiração anti-Goulart: ação política e ideológica do Centro Latinoamericano de Coordenação Estudantil da Sociedade de Estudos Interamericanos

O golpe de Estado de 1964, que completa 60 anos em 2024, depois da pesquisa monumental de René Armand Dreifuss, 1964: *A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe* (Vozes, 1980), não pode mais ser desvinculado de seu teor classista, isto é, da ação orgânica da burguesia e das classes proprietárias brasileiras e internacionais associadas na conspiração contra o governo trabalhista de João Goulart. Dois *think tanks* “privados”, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), em associação com os militares da Escola Superior de Guerra (ESG), integraram a vanguarda do golpe de 1964.

O chamado *complexo IPÊS/IBAD/ESG* constituiu “uma rede nacional de militantes grupos de ação”, com “diferentes *backgrounds* ideológicos”, unificados por “suas relações econômicas multinacionais e associadas, o seu posicionamento anticomunista e a sua ambição de readequar e reformular o Estado” (DREIFUSS, 1980, p. 163)⁴. Incubando “uma sofisticada e multifacética campanha política, ideológica e militar” anti-Jango, especializando-se em campanhas de “manipulação de opiniões e guerra psicológica”, “as operações secretas e discretas da burguesia insurrecional eram executadas por forças-tarefa especializadas, unidades de ação, grupos com codinomes e subsidiários” (DREIFUSS, 1980, p. 164).

A ação dessa elite orgânica, “o verdadeiro partido da burguesia e seu estado-maior para ação ideológica, política e militar”, também “instituiu organizações de cobertura para operações encobertas (penetração e contenção) dentro dos movimentos estudantis e operários e desencorajou a mobilização dos camponeses” (DREIFUSS, 1980, p. 166). Foi nesse marco que o suíço de origem russa Wladimir Lodygensky associou sua organização criada em 1958 – a Sociedade de Estudos Interamericanos (SEI) – com as operações golpistas do IPÊS. Dreifuss foi o primeiro a registrar essa obscura figura do internacionalismo anticomunista, caracterizando-o como um “ativista ipesiano”, “membro da American Chamber of Commerce (...) e diretor da Allset-Sociedade Técnico Comercial Ltda. que trabalhava com propaganda técnica” (DREIFUSS, 1980, p. 343).

Dreifuss, que entrevistou Lodygensky, resgatou um relatório do Conselho Diretor do IPÊS de São Paulo, de 22 de maio de 1962, assinado por seu líder João Baptista Leopoldo Figueiredo – primo do futuro general, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) e último ditador João Baptista Figueiredo –, no qual se evidencia a importância da SEI para as atividades antissindicais ipesianas. Se, “em maio de 1962, o IPES estava contribuindo com 2.000.000 de cruzeiros mensais para ‘atividades trabalhistas’ gerais”, “o IPES canalizou 1.500.000 cruzeiros para a SEI” (DREIFUSS, 1980, p. 348). Depois da obra de Dreifuss, vieram a público dois trabalhos pioneiros que, tangencialmente, voltaram a tratar de Lodygensky. O primeiro deles, *Deus, pátria e família. As mulheres no golpe de 1964* (Vozes, 1985), de Solange de Deus Simões, demarcou que a SEI:

(...) era dirigida pelo ativista ipesiano Wladimir Lodygensky e contava com a colaboração de eminentes paulistas, em especial professores, líderes católicos, intelectuais que redigiam a matéria de seus boletins de informação e formação sobre a

‘infiltração comunista na América Latina, com destaque ao ‘movimento subversivo’ em todos os setores das atividades do Brasil (SIMÕES, 1985, p. 28)

Além de destacar o papel preponderante desempenhado pela SEI em 1964 “na operacionalização da primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, provendo a comissão organizadora com *know-how* necessário para grandes mobilizações” (SIMÕES, 1985, p. 28), documentou-se o patrocínio dado pela organização de Lodygensky à fundação da União Cívica Feminina (UCF), grupo paulista do *complexo IPÊS/IBAD/ESG*, em fevereiro de 1962. “A SEI era uma entidade congênere do IPES, cujo patrocínio na fundação da UCF está claramente colocado no relatório das atividades da entidade no período 62-64 quando chama a atenção para a atuação do IPES naquele contexto” (SIMÕES, 1985, p. 28)⁵. A UFC surgiu “como resultado prático de uma série de conferências, destinadas a senhoras e patrocinadas pela (...) SEI. As conferências, que causaram grande impacto no auditório feminino, versavam sobre ‘a manobra comunista adotada no Brasil de então’” (SIMÕES, 1985, p. 28).

A fundação da UCF ocorreu em auditório da SEI⁶, criando-se logo depois organização feminina similar no Rio de Janeiro, a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), também vinculado ao *complexo IPÊS/IBAD/ESG*. Em um de seus Cursos de Liderança, a UCF contou com palestra do próprio Lodygensky, que versou sobre o tema “Guerra Subversiva”, ao lado de outros conferencistas vinculados à conspiração anti-Goulart como os coronéis Carlos de Meira Mattos e Rubens Reestel, o jurista Miguel Reale, o cientista político e jornalista de *OESP* Oliveira S. Ferreira e o empresário Paulo Assis Ribeiro (UCF, 1964, p. 145). Outro trabalho de pesquisa que tangenciou a organização de Lodygensky, *Radiografia do terrorismo no Brasil, 1966/1980*, do jornalista Flavio Deckes, salientou que a SEI “dispunha de um arquivo com ficha de todos os estudantes tidos como de esquerda do Brasil e de vários países do Continente. Ligado discretamente ao IPÊS e ao IBAD, dispunha de todos os recursos necessários para colaborar com os setores da direita universitária” (DECKES, 1985, p. 18).

Depois de breve menção às conexões SEI-IPÊS feita em 2001 por outra pesquisa inspirada por Dreifuss⁷, foi apenas em 2018, na tese de doutorado do historiador Marcos Vinicius Ribeiro acerca de uma organização reacionária fundada em 1972, a Confederação Anticomunista Latinoamericana, que emergiu a notícia de alguns Boletins da SEI depositados nos *Archivos del Terror* do Paraguai, acervo do ex-chefe da polícia política stronista Antonio Campos Alum. Destacou-se que a SEI “já atuava como órgão de vigilância e difusão de boletins informativos sobre o comunismo, com viés marcadamente anticomunista” (RIBEIRO, 2018, p. 17), conectando a entidade de Lodygensky, por meio de sua “estrutura multinacional”, “anticomunistas pelo mundo com o intuito de informar (alarmar) sobre o expansionismo soviético” (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Em 2020, a tese de doutorado do historiador Vicente Gil da Silva, intitulada *Planejamento e organização da contrarrevolução preventiva no Brasil: atores e articulações transnacionais (1936-1964)*, esmiuçou não apenas a SEI, mas a figura de Lodygensky enquanto um militante internacional anticomunista. Demarcou-se tanto o seu itinerário como o de seu pai, o médico russo Georges Lodygensky, que havia fundado, ao

lado do suíço Théodore Aubert, a *Entente Internationale Anticomunist* (EIA), criada em 1924 para combater “os grupos subversivos, sendo o principal deles a III Internacional Comunista (Comintern)”, em nome dos “princípios da ordem, da família, da propriedade e da pátria” (DA SILVA, 2020, p. 234).

De Genebra, a EIA buscou “promover a criação de centros nacionais antibolcheviques, aos quais transmitiria informações sobre organização, os projetos e atividades do governo de Moscou e do Comintern” (DA SILVA, 2020, p. 234). Embora Wladimir Lodyginsky contasse com apenas sete anos quando da fundação da EIA, ele “e seu pai, em 1936, participaram da Primeira Conferência Internacional Secreta Anticomunista, organizada pelo Antikomintern e realizada em Feldafing, na Alemanha” (DA SILVA, 2020, p. 417). Os Lodyginsky, que migraram ao Brasil entre 1946 (Wladimir) e 1952 (Georges), foram assim importantes colaboradores nazistas e, via EIA, participaram da I Conferência Internacional de Feldafing, que não negligenciou as questões antissemitas e tomou a decisão de realizar uma futura conferência anticomunista mundial (MACHADO, 2022, p. 773)⁸.

Esse foi o *know-how* de “experiências de organizações anticomunistas europeias” que os Lodyginsky trouxeram para o Brasil (DA SILVA, 2020, p. 401), encontrando por aqui, antes mesmo de imigrarem, importantes aliados. O Estado brasileiro, por meio do Serviço de Estudos e Investigações (SEI) do Itamaraty criado pelo embaixador José Carlos Macedo Soares em 1936 e gerido pela diplomata Odette de Carvalho e Souza, mantivera estreita colaboração com a Entente Internacional Anticomunista (EIA) via Georges Lodyginsky. Em 1936, referida diplomata escreveu ao pai de Wladimir Lodyginsky a fim de garantir o “sucesso” da deportação à Alemanha nazista das comunistas Olga Benário e Elise Berger, onde foram assassinadas em campos de concentração do III Reich⁹. Nas palavras da diplomata, o objetivo do SEI do Ministério de Relações Exteriores (MRE) do Brasil consistiria em:

(...) tratar da obra de repressão ao comunismo, mediante o estudo especializado da doutrina marxista, métodos de propaganda bolchevista, sua infiltração no nosso país e meios de combatê-la de maneira prática e eficiente. Conquanto o trabalho de investigação pareça, à primeira vista, de competência exclusiva da polícia, pode, entretanto, o Itamaraty prestar, também sob aquele aspecto, relevantes serviços à ação policial, conforme já tem comprovado múltiplas vezes. (...) O Itamaraty mantém constante e estreita ligação com as Instituições Internacionais incumbidas do combate ao comunismo. São preciosas as informações que as mesmas prestam ao mundo inteiro, podendo, assim, a seção especializada reunir e coordenar as mesmas, para transmiti-las às autoridades mais diretamente interessadas, notadamente, à Polícia e aos Ministérios militares. O mesmo deverá fazer com as informações que recebe das nossas missões diplomáticas e consulares no exterior, bem como com as que lhe são fornecidas pelas missões diplomáticas e consulares acreditadas junto ao nosso governo (CARVALHO E SOUZA *apud* DA SILVA, 2020, p. 247)

Também a SEI de Lodyginsky – que visitou os EUA um ano antes de sua fundação em 1958, entrevistando-se com um ex-oficial do *Psychological Strategic Board* (PSB), com um operativo da CIA e com alguns contatos da USIA (DA SILVA, 2020, p. 394-395) – buscou reprimir o comunismo:

Consideramos que o comunismo e correntes semelhantes devem ser tratados segundo os métodos aplicados pela moderna medicina em relação às doenças contagiosas: combate ao mal por todos os meios disponíveis. Mas não basta o combate; urge a defesa prévia de nosso povo contra essa infecção, reforçando sua constituição moral e cívica. Se muita gente inteligente, de bom caráter, entusiasta e corajosa, termina vítima da infecção comunista, a responsabilidade provém do ambiente de instabilidade moral, política e econômica, que se torna evidente no país,

não obstante os esforços de nossas autoridades e, fundamentalmente, pela inexistência de um antídoto eficaz. (SEI *apud* DA SILVA, 2020, p. 397)

Além de seu diretor-administrativo Lodygensky, os mais proeminentes membros da SEI eram os generais do Exército Hugo Manhães Bethlem e Antônio de Mendonça Molina, o jurista e ex-dirigente integralista Miguel Reale e o ex-deputado constituinte (1935-37), membro da UDN, ex-reitor da USP, Ernesto de Moraes Leme¹⁰. Além da tese magistral de referido historiador, documentos do Arquivo Nacional brasileiro complementam esse esforço de pesquisa histórica. Entre eles, um *Estudo* do Serviço Federal de Informações e Contrainformações (SFICI) do Brasil, de 10 de julho de 1959, que caracterizou Lodygensky como um “agente internacional” e um “profissional da espionagem” que estaria servindo de enlace com o “SS [Serviço Secreto] do ministério das Relações Exteriores, através de antigos cooperadores do Ministro Vicente Rao e Raul Fernandes”, designando-se Lodygensky como “íntimo colaborador de D. ODETE DE CARVALHO e do embaixador BARBOSA DA SILVA” (SFICI, 1959, p. 29).

O SFICI anotou os “amigos americanos” de Lodygensky, salietando que, “quando WLADIMIR veio para o BRASIL”, em 1946, “já estava ligado aos Serviços de Informações dos EE.UU. e suas atividades neste País vão se desenvolvendo de acordo com as necessidades da Seção Política da Embaixada Americana no Rio” (SFICI, 1959, p. 30-31). Além de estar “ligada ao UNITED STATES INFORMATION SERVICE (USIS) e à Sec. Pol. da Emb. [dos] EUA”, a SEI esteve vinculada “ao Centro Brasileiro da Europa Livre e à Federação Paulista das Indústrias [FIESP]”¹¹, fornecendo “informações sobre assuntos econômicos a várias empresas estrangeiras que mantêm atividades no BRASIL”, com “um bom serviço de rádio-escuta” e “bons informantes junto ao MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES”, de onde “recebe informes de alguns países da AMÉRICA DO SUL e EUROPA” (SFICI, 1959, p. 23-24).

O Estudo do SFICI apontou a ligação de Lodygensky com anticomunistas da Europa Oriental, garantido que esse *profissional da espionagem* seria membro do “Movimento da Europa Livre, cuja denominação certa é CENTRO BRASILEIRO DA EUROPA LIVRE”, ao lado do romeno Stefan Bassiu ou Baciú (d’O *Estado de S. Paulo*), Jean Valtin e um certo major Karol, “todos estes, sob a orientação do Ministro Mário Pires [do Itamaraty]”, de Spitzman Jordan e do senhor Raul Fernandes, que dirigiram “o Serviço de Informações Anti-Comunista do Brasil” (SFICI, 1959, p. 27). Spitzman teria “um sócio nos EE.UU. que é quem entra com dinheiro e garante os financiamentos que lhe faz o Banco do Sr. WALTER MOREIRA SALLES” (SFICI, 1959, p. 27)¹².

Segundo o SFICI, Lodygensky teria trabalhado em assuntos anticomunistas com o embaixador dos EUA no Brasil Adolfo Berle Jr., Carlos Lacerda, Julio de Mesquita Filho (diretor-proprietário de *O Estado de São Paulo*) e o nazista letão Herberts Cukurs que, depois de “condenado à morte na Europa por haver praticado os “piores crimes contra a humanidade”, refugiou-se “com auxílio do Serviço Secreto Americano, no Brasil” (SFICI, 1959, p. 2-3). Lodygensky ligou-se também às polícias políticas do Rio de Janeiro e São Paulo. No antigo Distrito Federal, vinculou-se aos inspetores de polícia Cecil Borer – representante do FBI, apelidado “espancador” e antigo participante do II Congresso Contra a Intervenção Soviética na América Latina realizado no Rio de Janeiro em 1955¹³ – e José Vasconcelos, trabalhando

ainda “em atividades anticomunistas’ no ‘DOPS de São Paulo com o delegado [Antônio] Ribeiro de Andrade, sendo íntimo do agente de polícia paulista de nome Anselmo Páscoa” (DA SILVA, 2020, p. 409).

Em 1958, mesmo ano em que criou a SEI, Lodyginsky fincou um de seus tentáculos de espionagem no movimento de estudantes, fundando o Centro Latinoamericano de Coordenação Estudantil (CLACE). Esse *profissional da espionagem* passou a canalizar fundos da *American Chamber of Commerce* do Brasil e, logo após a criação do IPÊS em 1961, associou-se ao general Moacyr Gaia, chefe do Grupo Especial de Conjuntura (GEC) do IPÊS paulista (DA SILVA, 2020, p. 611). Na ditadura, o Ministério da Aeronáutica, no Informe n.º 194, de 6 de junho de 1968, registrou que “a Câmara Americana de Comércio financiava o CLACE com 900 mil cruzeiros (velhos) por mês, através do Fundo de Ação Social, dinheiro esse entregue pelo IPÊS, através do Gen R/1 [MOACYR] GAYA” (MA, 1968, p. 2).

A 28 de setembro de 1962, o cônsul geral dos EUA em São Paulo, Daniel McCoy Braddock, enviou ao Departamento de Estado em Washington o *Airgram* "Contributions of American firms to Social Action projects; Establishment of fund independent of IPÊS", em que saudou a SEI por estar “desempenhando um papel valioso na luta pela contenção da invasão do comunismo no Brasil”, caracterizou Lodyginsky como “o principal incentivador da organização” e salientou ser o CLACE “um movimento, distinto de uma organização, no campo estudantil, patrocinado e dirigido pela SEI” (BRADDOCK *apud* DA SILVA, 2020, p. 645). O cônsul exaltou o “exemplo recente” das atividades do CLACE da SEI: “A participação deste grupo no manifesto do Movimento Sindical Democrático (MSD) contra a greve geral convocada pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) em 15 de setembro de 1962” (BRADDOCK *apud* DA SILVA, 2020, p. 645).

No campo sindical, além de financiar o pelego-chefe do MSD, o ipesiano Antonio Pereira Magaldi (DA SILVA, 2020, p. 605), Lodyginsky vinculou sua SEI ao líder ipesiano Mario Toledo de Moraes. O espião “declarou que o IPÊS estava contribuindo para o trabalho sindical da SEI” e “também revelou que ‘Mario Toledo de Moraes, diretor da Melhoramentos, vice-presidente da FIESP e coordenador de temas sindicais do IPÊS’, trabalhava ‘íntimamente com a SEI no âmbito sindical’” (DA SILVA, 2020, p. 610)¹⁴. Outra conexão SEI-IPÊS concretizou-se na revista *Convivium*, “dedicada aos ‘acontecimentos culturais e políticos’ e ao ‘estudo e defesa dos valores de nossa civilização cristã ocidental’” (DREIFUSS, 1980, p. 255). O IPÊS paulista, via Grupos de Doutrina e Estudo e de Levantamento da Conjuntura, publicava a revista *Convivium*, e o cônsul dos EUA Braddock registrou que a empreitada era “também parte da SEI” destinada a “trabalhar com grupos e organizações anticomunistas católicas” (BRADDOCK *apud* DA SILVA, 2020, p. 645).

A Comissão Diretora do IPÊS carioca, em 27 de março de 1962, impressionou-se com a SEI. Com a presença do escritor José Rubem Fonseca e dos generais Golbery do Couto e Silva e Agostinho Cortes, após o empresário Antônio Galloti lamentar que, “no campo sindical, os comunistas têm formação até em Moscou” enquanto “os democratas não têm” – revelando que “sete (7) sindicatos em nossas organizações” estariam “lutando para que não caíam nas mãos de Comunistas” –, estabeleceu-se

um diálogo rico em informações entre os empresários golpistas Cândido Guinle de Paula Machado (CGPM) e Rui Gomes de Almeida (RGA):

CGPM: Fiz contato com o Movimento Democrático Brasileiro – S. Paulo, visitei o SEI (2,30 hs.), eficiência grande. Dinheiro de onde? De firmas de S. Paulo. RGA: Conheço 12 firmas em S. Paulo que contribuem com Cr\$ 500.000,00 por mês sob anonimato. CGPM: Tem um Sítio-escola, em S. Paulo, com quatro (4) cursos mensais – Linha anti-comunista. Origem do movimento: Itamarati queria informações sobre movimentos sindicais do Ministério de Relações Exteriores (Macedo Soares). Fornecida a Wladimir Lo[dy]genski. Outro: Wladimir Pereira. Saímos os três, sem compreender bem como funciona com tanta eficiência, muitos recursos. Boletim, informações internacionais. A solicitação foi feita a S. Paulo. Deixei lá o problema (IPÊS, 1962, p. 11)¹⁵

Tanto a SEI quanto o CLACE, portanto, associaram-se à conspiração anti-Goulart desenvolvida pelo IPÊS. Deckes, pioneiro na denúncia sobre o CLACE, destacou que os colaboradores desse braço estudantil da SEI, que “era mais voltada à formação de lideranças, aprendizado de técnicas de luta, manejo de armas, etc”, “recebiam altos salários, pagos em dólares” (DECKES, 1985, p. 25-26). O CLACE e sua organização-controladora, a SEI, constituíram uma “das mais antigas e bem-sucedidas das chamadas ‘entidades democráticas’ plantadas no Brasil nas décadas de 50 e 60” (DECKES, 1985, p. 18). “Formada com dinheiro vindo dos bolsos de empresários descontentes com os possíveis caminhos que o País tomava, organizada por gente experiente (CIA) em formação de lideranças, essa entidade conseguiu acompanhar com desenvoltura a movimentação estudantil infiltrando agentes em encontros, assembléias e comícios nas grandes cidades” (DECKES, 1985, p. 18). Deckes definiu o perfil da espionagem política do CLACE:

O tempo dos militantes do CLACE era preenchido com a coleta e a centralização de informações que envolvessem nomes de estudantes classificados como ‘esquerdistas’, não só das principais cidades brasileiras mas também da América Latina. A agitação tinha papel importante na atuação da entidade. Seus militantes circulavam livremente entre multidões de estudantes que participavam das excursões da diretoria itinerante da UNE – União Nacional dos Estudantes. O trabalho voltava-se basicamente para a sabotagem, invasão, roubo de documentos e pertences dos participantes, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1961, militantes do CLACE se hospedaram no Copacabana Palace e de lá saíram para promover agitação em um encontro promovido pela UNE no Hotel Quitandinha. A coleta, classificação e arquivamento de informações sobre as lideranças estudantis da época, porém, se constituía na atividade principal do CLACE (DECKES, 1985, p. 25)

Essa finalidade precípua do CLACE, “a coleta de informações sobre as entidades no Brasil” e “em outros países sul-americanos”, bem como sua estruturação como “centro de vigilância das atividades estudantis de esquerda” na conspiração anti-Goulart, encontram-se explicitadas “na Exposição de Motivos publicada na revista *Alvorada*” (DA SILVA, 2020, p. 591). A *Alvorada* foi criada em 1960, tendo como diretor responsável Waldo Domingos Claro e como redator chefe Tércio Sampaio Ferraz Jr. – hoje jurista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (DA SILVA, 2020, p. 589)¹⁶, assim expondo suas razões:

Nos meios estudantis, apesar da existência da UIE – União Internacional de Estudantes, sediada em Praga – da COSEC – Secretaria Coordenadora, com sede em Leiden, e da OREL – Oficina de Relações Estudantis Latino-Americanas, sediada em Caracas, nota-se certa ausência de informações e de coordenação das entidades

representativas. (...) Para preencher esta lacuna foi criado no Brasil, com sede em São Paulo, o Centro Latino-Americano de Coordenação Estudantil – CLACE. O CLACE tem por finalidade: A) *Servir de centro permanente de informações sobre problemas e movimentos estudantis, nacionais e internacionais*, à disposição dos estudantes, diretórios acadêmicos e autoridades. (...). As atividades permanentes do CLACE compreendem: 1) *Serviço de Informações – Destinado a manter em dia as informações sobre tudo o que se refere à vida estudantil e particularmente o fichário central e calendário das reuniões, congressos e eleições*. 2) *Serviço de Relações – Encarregado da correspondência e da ligação com as entidades latino-americanas e internacionais*. 3) *Serviço de promoção – Organização para promover a aproximação de estudantes, favorecendo o intercâmbio de ideias e informações*. 4) *Serviço de ação social e cultural – Encarregado dos estudos e elaboração de programas construtivos*. 5) *Serviço de imprensa – Destinado à divulgação das atividades do CLACE* (ALVORADA, ano I, n.º 1, julho de 1960, *apud* DA SILVA, 2020, p. 591-592)

Coordenado por Lodgensky e sua SEI, no início da década de 1960 o CLACE “promoveu dois grandes encontros de estudantes secundaristas de São Paulo”. O primeiro desses encontros anti-Goulart ocorreu em São Paulo, no bairro de Higienópolis, entre 23 e 25 de novembro de 1962. Celebrado no tradicional Colégio Rio Branco, o encontro recebeu o nome de I Convenção Cristã e Democrática dos Estudantes Secundaristas de São Paulo. “O objetivo do evento foi ‘unir os estudantes em torno de princípios cristãos e patrióticos, claramente definidos e traçar planos de uma ação construtiva em prol da classe estudantil, fora da politicagem das entidades oficiais’” (DA SILVA, 2020, p. 592).

Essa convenção anticomunista de secundaristas organizada pelo CLACE “foi presidida pelo ultradireitista Carlo Barbieri Filho”, contando com a participação do padre – um dos principais contatos do *Free Europe Committee* – “Miklos Boer (Nicolas Boér), do jornal *O Estado de São Paulo*, que proferiu uma conferência sobre ‘Análise do pensamento contemporâneo’” (DA SILVA, 2020, p. 592). O engenheiro Rubens Rodrigues dos Santos discursou sobre “O Nordeste, um caso concreto” e o cardeal Vasconcelos Mota sobre “O Cristianismo diante do Pensamento Contemporâneo”. Os trabalhos da I Convenção Cristã e Democrática dos Estudantes Secundaristas de São Paulo foram orientados por Frederico José Guanais, presidente da União Paulista dos Estudantes Secundários (UPES), Arquimedes Napolini Filho, presidente da União Catarinense dos Estudantes Secundários (UCES) e Pedro Dantas da Rocha Neto, do Maranhão.

A convenção secundarista do CLACE designou para o Secretariado da Campanha do Banco Didático do IPÊS os nomes de Antônio Carlos da Silva Prado (Secretário Diretor Geral), Pedro Paulo Angrisani Gomes (Coordenador Diretor Geral), Carlo Barbieri Filho (Primeiro Consultor), Rui Osório de Freitas Jr. (Segundo Consultor) e Roberto Souza de Campos Pacheco (Secretário). A convenção anti-Goulart foi encerrada pelo deputado federal e líder do IPÊS Herbert Levy (DA SILVA, 2020, p. 592). Entre 6 e 8 de dezembro de 1963, o CLACE organizou, no Clube Internacional de Regatas de Santos, a II Convenção Cristã e Democrática dos Estudantes Secundaristas de São Paulo, com a palestra “O cristianismo em face da verdade brasileira” do deputado federal José Ulpiano Almeida Prado. Aprovou-se ali uma declaração de princípios do CLACE com base no cristianismo e em defesa de um suposto direito natural (DA SILVA, 2020, p. 592).

É possível constatar, hoje, que no interior da conspiração anti-Goulart liderada pelo *complexo IPÊS/IBAD/ESG* congregaram-se ideológica e politicamente veteranos e jovens mobilizados em uma consistente campanha anticomunista que conduziu a um golpe de Estado (e de classe). O caso aqui reconstituído do *agente internacional e profissional da espionagem* Wladimir Lodygensky, sua SEI, e as atividades de seu braço juvenil (CLACE), com destaque às convenções cristãs e democráticas dos estudantes secundaristas paulistas de 1962 e 1963, exemplificam o caráter intergeracional das extremas-direitas em questão. O reconhecimento alcançado pelo papel histórico da SEI e do CLACE nessa articulação adiciona uma complexidade a mais no entramado golpista pré-1964.

Uma operação desse vulto não consegue permanecer em sigilo absoluto. O Congresso Nacional brasileiro instaurou em meados de 1963 uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a origem e a utilização política dos recursos financeiros manipulados pelo IBAD e IPÊS. Estima-se que “pelo menos o equivalente a uns 12,5 milhões de dólares, possivelmente até vinte milhões”, foram canalizados por referida vanguarda da conspiração anti-Goulart (DREIFUSS, 1980, p. 336). Contudo, a CPI acabou por isentar o IPÊS de acusação formal, embora tenha ordenado o fechamento do IBAD em outubro de 1963. A CPI fracassou em demonstrar as ligações existentes entre o IBAD e o IPES, aceitou o depoimento falso do presidente do IPÊS paulista João Baptista Figueiredo – “O IPES nunca se envolvera em política partidária ou contribuíra, direta ou indiretamente, para campanhas eleitorais partidárias de nenhum candidato” – e nomeou como relator Pedro Aleixo “que viria a ser o vice-presidente do General Costa e Silva”, “supostamente articulado com a rede IBAD” (DREIFUSS, 1980, p. 360).

Embora municiando o Executivo Federal para fechar o IBAD e forçar a fuga de um de seus dirigentes mais visíveis, o *asset* da CIA e ex-integralista Ivan Hasslocher, a CPI deixou de convocar outro agente internacional: Wladimir Lodygensky. E não foi por falta de alerta. Convocado a depor na CPI, o frei Carlos Josaphat fez publicar em seu *Brasil Urgente: um jornal do povo a serviço da justiça social* um artigo sobre as atividades golpistas da SEI. Em matéria assinada por Hilário Correia em outubro de 1963, estampou-se como manchete “S.E.I. – Sigla da Subversão”, advertindo-se que a CPI deveria voltar suas atenções sobre ela e seu chefe, Lodygensky, denunciando uma possível relação internacional (CORREIA, 1963, p. 35).

Também no pré-1964 eram notórias a trama golpista e suas personagens mais evidentes. O *Brasil Urgente* – não à toa empastelado com a vitória do golpe em 1º de abril de 1964 – detalhou contemporaneamente aos fatos a urdidura da conspiração desenvolvida pela obscura organização dirigida por Lodygensky. “Como entidades laterais que colaboram com a SEI, citam-se as seguintes”:

C.L.A.C.E. – Centro Latino Americano de Coordenação Estudantil (documentação e coordenação dos movimentos estudantis). U.C.E. – União Cívica Estudantil (preparação de líderes estudantis e da orientação das atividades nas escolas, faculdades, grêmios, uniões estudantis). U.C.F. – União Cívica Feminina (organização de senhoras na defesa das instituições de ajuda aos estudantes, formação de opinião pública, mobilização dos setores sociais e assistenciais para criar uma ordem social mais justa (sic) e mais humana. B.I.S. – Bureau de Imprensa Sindical – órgão central de documentação e planejamento operacional no setor sindical. Pretende exercer sua influência sobre: As Federações dos Círculos Operários (400.000 membros); O Movimento Sindical Democrático (1.293 sindicatos, entre os quais, hoje o reacionário

quadro dirigente do Sindicato de Jornalistas Profissionais de S. Paulo); O Movimento Sindical Rural (296 sindicatos). B.I.T. – Rádio imprensa e Televisão (CORREIA, 1963, p. 35)

A importância da SEI – renomeada Centro de Educação Cívica (CEC), em outubro de 1963, no mês em que o IBAD foi fechado – para o golpe de 1964, ademais, não deixou de ser reconhecida pelas lideranças do IPÊS paulista. João Baptista Leopoldo Figueiredo declarou que “a entidade utilizou-se da experiência de Lodgyginsky ‘em diversas áreas’” e Antônio Carlos Pacheco e Silva caracterizou-o “como um ‘grande conhecedor dos problemas relativos ao comunismo e ao anticomunismo’, ‘com larga experiência adquirida na Suíça e em outros países onde se empenhara na luta contra os marxistas’, e à organização dirigida por ele como uma entidade importante na ‘resistência oferecida à comunização e, *ipso facto*, na vitória da Revolução de Março’” (DA SILVA; SCHWARZ, 2022, p. 294). Lodyginsky integrou o comando da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, celebrada em 1964 na capital paulista, participando do *Clubinho*, “que, entre 1963 e 1964, ‘reunia semanalmente em São Paulo presidentes da Federação das Indústrias, Associação Comercial, Sociedade Rural Brasileira, Sindicato dos Bancos e IPES para coordenar o setor empresarial na luta contra a desagregação socioeconômica e política’” (DA SILVA; SCHWARZ, 2022, p. 294-295).

Do CLACE da SEI à Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), filial brasileira da Liga Mundial Anticomunista e da Confederação Anticomunista Latinoamericana

Vitoriosa a conspiração de 1964, resta pontuar os caminhos trilhados por alguns veteranos e sobretudo por dois jovens anticomunistas outrora aglutinados nos *think tanks* anti-Goulart SEI, IPÊS e CLACE. O primeiro deles, o antigo *profissional da espionagem* Wladimir Lodyginsky, de acordo com informe do Ministério da Aeronáutica de 1965, estaria “trabalhando como orientador no SNI”, com “grande penetração no SNI/ASP – SNI/RJ e IPÊS” (MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA, 1965, p. 01). Lodyginsky, após 1964, “desapareceu misteriosamente do País segundo seus admiradores dos tempos de agitação. Sabe-se que em [19]78 encontrava-se na Itália, atuando junto a organizações sindicais ligadas ao Palácio Del Lavoro de Roma” (DECKES, 1985, p. 20).

Um informe da Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores (DSI/MRE), de 6 de novembro de 1967, registrou que Lodyginsky, com Carlo Alberto Saint Amour de Chanag, Guido di Rossi del Lion Nero e Giuseppe Di Ritter, convidara o embaixador brasileiro junto ao Vaticano Henrique de Souza Gomes “para a Presidência do Conselho Superior” de uma nova entidade, o Centro para a Cooperação Latino-Americana com a Europa (CECLAME), cujo objetivo declarado seria o de “Formar Novos Quadros e Novas Lideranças para o Brasil de Amanhã” (DSI/MRE, 1967, p. 106). Na Europa, Lodyginsky tornou-se consultor do *Instituto Batelle-Geneva* de pesquisa e treinamento de executivos, promoveu seminários na Universidade Gregoriana de Roma, participou de encontros internacionais e prestou consultoria ao *Centro Italiano per la Cooperazione Economica de Industriale* da holding IRI. Nessa função, voltou ao Brasil para um trabalho de quatro anos no Nordeste, criando instituto de pesquisa e treinamento para executivos. Trabalhou no Departamento Gerencial do *Istituto di Studi per*

l'Informatica e i Sistemi (SIS), destacando-se como Assistente Especial do Secretário Geral da *Society for International Development (SID)*” (DA SILVA, 2020, p. 692).

Também foram longe em suas carreiras transnacionais dois antigos secundaristas que militaram no Centro Latino-americano de Coordenação Estudantil (CLACE), entidade de estudantes criada por Lodyginsky quando fundou a SEI em 1958. Trata-se das figuras de Carlo Barbieri Filho e Pedro Paulo Angrisani Gomes. Sob orientação do CLACE da SEI, em outubro de 1962, Barbieri Filho presidiu a I Convenção Cristã e Democrática dos Estudantes Secundaristas de São Paulo e Angrisani Gomes tornou-se ali o Coordenador Diretor Geral de uma das iniciativas do IPÊS, a Campanha do Banco Didático, para a qual Barbieri Filho foi designado Primeiro Consultor. Uma década depois, os antigos membros do CLACE emergiram como dirigentes de um novo instituto, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), criada em 1971. Entre 1973-74, Barbieri Filho despontou como seu presidente e Angrisani Gomes como um de seus Diretores, ao lado do padre Heládio Alvares Rodrigues, José Antonio de Oliveira Machado e Elias Jorge Tambur.

Os ex-militantes *clacistas* atingiriam os píncaros do movimento anticomunista internacional, vinculando a SEPES à chamada *World Anticommunist League (WACL)* – a Liga Mundial Anticomunista – e à sua organização regional na América Latina, a Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL). O processo de filiação da SEPES ao *complexo WACL/CAL* havia se iniciado em 1972, quando ela ainda era presidida pelo jovem Alfredo Weiszflog, herdeiro da empresa de papel e celulose Melhoramentos. Depois, Weiszflog desaparece dessa rede anticomunista transnacional articulada no Brasil pela SEPES. Nada se sabe sobre os motivos que levaram o jovem proprietário da Melhoramentos a ter sido nomeado como o primeiro presidente da entidade que viria a ser o “capítulo” brasileiro da WACL/CAL. Talvez sua indicação como primeiro presidente da SEPES deite raízes no papel da Melhoramentos na conspiração anti-Goulart e nas conexões anticomunistas entre Lodyginsky e o diretor da empresa e líder do IPÊS Mário Toledo de Moraes, que operou “intimamente com a SEI no âmbito sindical” nos preparativos do golpe de 1964.

Em 1972, presidida por Weiszflog, a SEPES enviou seu representante Elias Jorge Tambur para tomar parte na VI Conferência da WACL realizada no México entre 24 e 27 de agosto. Organizada pela extrema-direita antisemita de Jalisco, os chamados *Tecos*, proprietários da Universidade Autónoma de Guadalajara (UAG), a VI Conferência da Liga contou com nazistas como Alfred Gielen (Anti-Komintern) e Theodor Oberlander (Batalhão *Nachtigall*), ex-colaboradores nazistas do Leste Europeu como o ucraniano Yaroslav Stetsko, integrantes da ultradireita regional como os exilados anticomunistas de Miami (Alpha 66), evangelistas (*moonies*) e um general dos EUA, bem como de lideranças anticomunistas do sudeste asiático, especialmente de Taiwan (Ku Cheng-kang).

O almirante brasileiro Carlos Penna Botto, o pioneiro na inserção do Brasil nessa rede anticomunista internacional, presidente da Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC), impossibilitado de comparecer por razões de saúde (morreria em 1973), encaminhou “sua tese propondo, em síntese, a extinção da Organização das Nações Unidas” (MACHADO, 2022, p. 1355). Encerrada a VI Conferência da Liga, a SEPES participou da reunião constitutiva do órgão regional da

WACL na América Latina, a CAL. Essas informações encontram-se em relatório do dirigente *sepista* Tambur encaminhado ao “Ilustríssimo Senhor Alfredo Wei[s]zflog, Digníssimo Presidente da S.E.P.E.S, São Paulo, S.P.” (MACHADO, 2022, p. 1351). Tambur sugeriu, entre outras *propostas de ação*:

Não perder de vista a hipótese de o Brasil sediar o Congresso da WACL, pelos seus fatores determinantes: Governo Anticomunista com um plano de desenvolvimento em fase de execução. (...) Ampliar as suas atividades através de um entrosamento mais estreito com entidades congêneres, a fim de que a SEPES possa representar de fato uma liderança regional neste Congresso (TAMBUR *apud* MACHADO, 2022, p. 1358)

De fato, a SEPES logo conquistaria esses objetivos delineados em 1972, mas não com Alfredo Weiszflog na presidência, e sim com o ex-dirigente *clavista* Barbieri Filho. Sob sua presidência, ao lado de Angrisani Gomes, antigo parceiro no movimento estudantil controlado por Lodyginsky, a SEPES se tornou a filial brasileira do *complexo WACL/CAL*. Contando com ajuda da ditadura empresarial-militar brasileira, entre 1974-75, a SEPES organizou dois encontros públicos desse complexo anticomunista transnacional.

No Rio de Janeiro, entre 23 e 27 de janeiro de 1974, realizou-se o II Congresso da Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), organizado pela SEPES e pela ditadura empresarial-militar por intermédio de sua contra-inteligência e de seu ministro da Justiça Alfredo Buzaid. Ao todo, 209 delegados de 19 países latino-americanos participaram do evento, que contou com a presença de militares, juristas e eclesiásticos “linha-dura” (como o general Silvio Frota, o ministro Buzaid e o cardeal Geraldo de Proença Sigaud), recebendo saudações de ditadores como Augusto Pinochet do Chile, Alfredo Stroessner do Paraguai e o *generalíssimo* Chiang Kai-shek de Taiwan. O historiador Kyle Burke observa que, na ocasião, os líderes da CAL “revelaram seus ‘planos de ação’ para lidar com uma série de inimigos”, definindo “esquemas para ‘combater e exterminar a subversão vermelha nas escolas e universidades’ e para combater ‘a propaganda comunista em todos os seus aspectos’” (BURKE *apud* MACHADO, 2022, p. 1456).

Após a abertura do II Congresso da CAL no *Golden Room* do Copacabana Palace, o arcebispo de Diamantina Proença Sigaud denunciou “A infiltração marxista na Igreja Católica na América Latina”, defendendo que todos ali estariam envolvidos em “uma guerra religiosa”, uma *cruzada* anticomunista. Incriminando a Teologia da Libertação como uma “Teologia da Revolução”, o arcebispo incitou a ditadura empresarial-militar brasileira a “obter a garantia da hierarquia de que os padres e leigos católicos que ensinam tais doutrinas serão punidos e removidos de posições influentes e de liderança e que aqueles que agirem de acordo com estas doutrinas sofrerão as consequências de sua dupla ofensa: contra a Igreja. Contra sua nação” (SIGAUD *apud* MACHADO, 2022, p. 1468)¹⁷.

Já o presidente da filial brasileira do *complexo WACL/CAL* Barbieri Filho, em seu discurso no II Congresso da CAL, demarcou o nexos CLACE-SEPES. Reconhecendo sua “pouca idade” para “abrir um evento que marcará época na luta pelos nossos ideais”, lembrou, “em nome deste País, em nome da SEPES”, que as “angústias” que o levaram à militância anticomunista vinham de longe, do pré-1964

(...) desde quando, os adolescentes que éramos, cedo acordamos para as aflições que dilaceram a humanidade, descemos à arena da luta nos Congressos de estudantes, seja nas guerras de cartazes e manifestações de rua, como no estudo sério dos problemas e

na montagem cuidadosa de arquivos, ou ainda na busca de respostas positivas, fosse ela um banco didático para empréstimo de livros a alunos carentes de recursos; fôsse um jornal estudantil que revelasse, acalentasse ou desenvolvesse preciosas vocações (...) Um dia, saímos às ruas, depois de dias e noites de montagem de esquemas, faixas e cartazes, nas 'MARCHAS DA FAMÍLIA (...) o Brasil começava a acordar e quando ele gritou BASTA, nós compreendemos que a Pátria somos nós, e que quando os cidadãos acordam e põem mãos à obra, e entram na luta, confiantes em Deus, a cidade está salva. E, por isso, já formados, divididos por atividades profissionais e campos de trabalho, sentimos a necessidade de estar sempre juntos. Primeiro, porque nos surpreendemos fortes, sendo força um do outro. Segundo, porque não nos iludimos: 'O PREÇO DA LIBERDADE, É A ETERNA VIGILÂNCIA'. E o inimigo, por derrotado que tenha sido, não dorme e não desiste, volta sempre ao ataque, sempre mais insidioso e traiçoeiro. Terceiro, porque achamos que, humildemente, poderíamos levar, aos nossos irmãos aflitos do mundo, a experiência brasileira para somar às experiências de todos, pois a salvação virá da ajuda e compreensão de muitos (BARBIERI FILHO *apud* MACHADO, 2022, p. 1470)

Justificando assim sua posição proeminente no II Congresso da CAL, o jovem presidente da SEPES Barbieri Filho ostentou junto aos congressistas seu passado de militância anticomunista no CLACE, uma das frentes estudantis da SEI de Lodyginsky. Ele havia sido protagonista da I (1962) e da II (1963) Convenção Cristã e Democrática dos Estudantes Secundaristas de São Paulo, participando das Marchas com Deus pela Liberdade (1964) que tiveram Lodyginsky como organizador. Sem citá-lo, também a SEPES reconheceu as atividades do CLACE como sua gênese:

A SEPES (...) foi formada em 27 de julho de 1971 por um grupo de empresários, professores, universitários e profissionais liberais, que em tendo participado durante mais de 11 anos da vida estudantil em favor da democracia e no combate ao comunismo resolveram continuar unindo esforços e apoios recíprocos, de tal sorte a manter viva sua intenção de lutar pelos princípios cristãos. Desde o Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes do Brasil) de 1960, no campo universitário e no Congresso da UPES (União Paulista de Estudantes Secundários) e UBES (União Brasileira de Estudantes Secundários) em 1962, no campo secundaristas, tem esse grupo atuado em todo território brasileiro somando esforços para que as ideias anti-comunistas prevalecessem sobre as marxistas. Organizou vários encontros denominados Convenção de Estudantes Cristãos e Democráticos que por várias vezes em anos sucessivos reuniu acadêmicos em número superior à 500. (...) Neste sentido, um dos exemplos mais palpáveis foi o Banco do Livro Didático, que distribuiu em 2 anos quase 300 mil livros gratuitamente aos estudantes menos favorecidos economicamente (SEPES, 1973, p. 178)

Os mesmos serviços de espionagem desenvolvidos pela SEI e pelo CLACE no pré-1964 foram retomados pelos ex-dirigentes *clacistas* à frente da SEPES. Nesse sentido, a SEPES organizou, no II Congresso da CAL de 1974, a “institucionalização e aperfeiçoamento de um sistema permanente de troca de dados e informações” sobre “atividades anti-nacionais feitas no exterior” e a “atuação do M.C.I. [Movimento Comunista Internacional]” (SEPES *apud* MACHADO, 2022, p. 1450).

O *know how* aprendido pelos jovens militantes do CLACE com o veterano Lodyginsky, em articulação com a SEI e o IPÊS na conspiração anti-Goulart, foi reutilizado na década de 1970 pela SEPES, a filial brasileira do complexo WACL/CAL. A SEPES emulou a estrutura do CLACE. Se este braço estudantil do *profissional da espionagem* Lodyginsky esteve dividido em cinco Serviços – de Informações, de Relações, de Promoção, de Ação Social e Cultura e de Imprensa (DA SILVA, 2020, p. 591-592) –, a SEPES estruturou-se em sete Secretarias (Atividades Nacionais; Atividades Internacionais;

Publicações e Propaganda; Eventos Especiais e Operacionais; Cursos de Aperfeiçoamento e Atualização; Apoio Administrativo; Pesquisas e Documentação) (MACHADO, 2022, p. 1409).

Se o CLACE da SEI de Lodyginsky especializou-se em espionagem, sua herdeira SEPES, filiada ao complexo WACL/CAL, transformou-se em um escritório “particular” de espionagem política transnacional, associando-se clandestinamente à ditadura empresarial-militar do Brasil e congêneres. Um informe do SNI confirmou esse caráter da filial brasileira da WACL/CAL: “A SEPES exerce uma vasta atividade anticomunista no Estado de SÃO PAULO, sendo seus métodos de trabalho muito semelhantes, quando não até se confundem, com o funcionamento de um serviço de informações” (SNI *apud* MACHADO, 2022, p. 1411). O mesmo informe destacou que o presidente da SEPES era um “banqueiro (...) altamente ligado a autoridades de informação” (SNI *apud* MACHADO, 2022, p. 1411).

Em 1975, atingindo o ápice da internacionalização do Brasil nessas redes anticomunistas da Guerra Fria, os dois antigos militantes *clacistas*, o presidente da SEPES Barbieri Filho e um de seus diretores, Angrisani Gomes, tornaram-se, respectivamente, presidente da Liga Mundial Anticomunista (WACL) e presidente de seu braço juvenil, a *World Youth Anti-Communist League*. Isso porque a SEPES conquistara o direito de ocupar os postos máximos das respectivas ligas mundiais em razão de ter organizado a VIII Conferência da WACL e a V Conferência da WYACL, entre 23 e 25 de abril de 1975, no Rio de Janeiro. Um obscuro associado à SEPES e jornalista de *O Estado de São Paulo*, Mario Busch – que seria de fato, segundo Dreifuss, um “ex-oficial da Wehrmacht e ex-agente do Serviço de Controle Político boliviano”, ligado ao líder do IPÊS Henning Bolessen e ao general Hugo Bethlem, todos envolvidos no golpe de Estado de 1971 na Bolívia (DREIFUSS, 1980, p. 425) – saudou o feito dos anticomunistas brasileiros. Segundo fez publicar em *OESP*, “a eleição de Carlo Barbieri Filho para a presidência da WACL e de Pedro [Paulo Angrisani] Gomes para a presidência da WYACL honra o Brasil no Mundo Livre tanto quanto o honraram a ação decisiva das Forças Armadas na Revolução de 31 de março de 1964” (BUSCH *apud* MACHADO, 2022, p. 1736).

Lodyginsky deve ter se orgulhado do feito. Essa internacionalização da extrema-direita brasileira deveu-se ainda à aceleração do terrorismo transnacional de Estado e outros movimentos de interconexão repressiva global estimulados pela ditadura empresarial-militar brasileira. Agentes do SNI organizaram – sem a presença dos civis da SEPES – o III Congresso Secreto da CAL, ao final de 1974, em Brasília, na Escola Nacional de Informações (EsNI). Esse encontro configurou um dos protótipos regionais da Operação Condor, formalizada em 1975 no Chile de Pinochet (MACHADO, 2022, p. 1597).

Nas viagens como presidentes da WACL e da WYACL, os antigos *clacistas* dirigentes da SEPES, no auge da carreira anticomunista transnacional, operavam em conexão com militares e diplomatas ligados ao SNI. Um Telegrama Secreto do embaixador do Brasil ao Itamaraty, de 12 de dezembro de 1975, destacou que “o Senhor Carlo Barbieri compareceu à Embaixada na companhia do Senhor Pedro Paulo [Angrisani] Gomes. Declarou-se na ocasião desejar entregar a esta Missão documentos a serem encaminhados ao Conselheiro Octávio José de Almeida Goulart (...) O Adido das Forças Armadas também entrevistou-se com o Senhor Carlo Barbieri” (VALENTE *apud* MACHADO, 2022, p. 1909).

Os ex-militantes *clacistas* chegaram inclusive a oferecer a militares da ditadura brasileira e de suas congêneres de Segurança Nacional um curso de guerra política e psicológica em Taiwan, no prestigiado *Fu Hsing Kang College*, centro de doutrinação anticomunista e treinamento contraguerrilha da ditadura de Chiang Kai-shek¹⁸. Em 24 de fevereiro de 1976, o SNI registrou que Angrisani Gomes “estaria convidando pessoas, as quais no passado já teriam desenvolvido atividades em organizações anti-comunistas, para um curso de guerrilha” (SNI, 1976, p. 01)¹⁹. Em 5 de janeiro, porém, já havia ocorrido reunião no Ministério da Defesa do Brasil, que se interessara por esse intercâmbio anticomunista – mesmo o Brasil já tendo então rompido relações com Taiwan, em benefício da República Popular da China (RPCCh). Na ocasião, coube à SEPES a definição de eventual data para o envio de militares à Academia de Guerra Política de Peitou, nos arredores de Taipei, registrando-se que “o primeiro contato deverá ser feito através do Dr. Ku Cheng Kang [presidente honorário da WACL], de tal maneira que se caracterize o caráter privado do convite, ou seja: SEPES-WACL” (SNI, 1976, p. 07).

Desse modo, o *nexo CLACE-SEPES*, até então desconhecido da historiografia, deve ser computado como um dos pontos altos da internacionalização da extrema-direita brasileira, composta por paisanos e militares, dentro do Estado e fora dele, na sociedade civil-burguesa. Também se orgulharia Lodyginsky, se é que não tomou conhecimento do fato, que ex-conspiradores do complexo IPÊS/IBAD integraram ainda, no biênio 1976-77, os quadros do Conselho Consultivo da SEPES. Nele se fizeram presentes veteranos do anticomunismo brasileiro como Antonio Carlos Pacheco e Silva, ex-conspirador do IPÊS no pré-1964 e, como visto, um entusiasta do *agente internacional e profissional da espionagem* Wladimir Lodyginsky; dona Eudóxia Ribeiro Dantas, dirigente da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), grupo feminino do IBAD controlado pelo general Molina, como visto também, membro da SEI e um dos enlacs militares de Lodyginsky; e Alfredo Buzaid, associado ao IPÊS no pré-1964 e integrante de seu Conselho Orientador depois da vitória golpista²⁰.

O *nexo CLACE-SEPES* aqui reconstituído exemplifica de maneira singular, como concretude histórica rica em determinações complexas, não apenas a pioneira internacionalização da extrema-direita brasileira, como também o conagraçamento intergeracional de uma longa e consequente militância anticomunista. A caricatura da ultradireita brasileira impede, concluímos, a caracterização do objeto histórico em sua concretude fatural. Como se revelou ao longo do artigo, o bolsonarismo, assim, não é o primeiro exemplo da ultradireita brasileira internacionalizada.

Referências:

- ASSIS, Denise. **Propaganda e cinema a serviço do golpe (1962/1964)**. Rio de Janeiro: Muad, 2011.
- AZEVEDO, Reinaldo. **Bolsonarismo é 1º exemplo de extrema direita brasileira internacionalizada**. Rádio BandNews FM. 11 de janeiro de 2022.
- BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista (1919-1943). Tomo II**. Tradução de Fernando Ferrone. São Paulo: Sundermann, 2007.
- CAÑÓN VOIRIN, Julio Lisandro. La Confederación Interamericana de Defensa del Continente (CIDC). **Rubrica Contemporanea**, v. VI, n. 12, 2017.

- CORREIA, Hilário. *S.E.I.: Sigla da Subversão*. In: *Brasil Urgente: um jornal do povo a serviço da justiça social*. Edição n.º 31, de 13 a 19 de outubro de 1963. Rua Cincinato Braga, 172, São Paulo. Editora Veritas Ltda.
- DA SILVA, Vicente Gil. **Planejamento e organização da contrarrevolução preventiva no Brasil: atores e articulações transnacionais (1936-1964)**. 2020. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.
- DA SILVA, Vicente Gil; SCHWARZ, Laura Maria Loss. Wladimir Lodyginsky: a trajetória internacional de um militante anticomunista. **Revista Tempos Históricos**, Vol. 26, n. 1 (2022), pp. 275-299.
- DECKES, Flávio. **Radiografia do terrorismo no Brasil. 1966/1980**. São Paulo: Ícone, 1985.
- DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES. *Informe n.º 1126. Centro para a Cooperação Latino-Americana com a Europa (CECLAME)*. 06 de novembro de 1967. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em: br_dfanbsb_z4_rex_avu_0041_d0001de0001.pdf
- DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis (Rio de Janeiro: Vozes, 1981).
- INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS (IPÊS). Atas e súmulas de reuniões conjuntas e plenárias, de reuniões e decisões da comissão diretora do IPÊS. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_QL/0/OFU/0008/BR_RJANRIO_QL_0_OFU_0008_d0002de0012.pdf
- INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS (IPÊS). Documentos de caixa do IPÊS. Rio de Janeiro, São Paulo, 1962. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_ql/0/ofn/0009/br_rjanrio_ql_0_ofn_0009_d0017de0017.pdf
- JERONYMO, Vanice. **Caieiras: núcleo fabril e preservação**. 2011. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011.
- KAYSEL, André. *Contra os sacerdotes vermelhos: a Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL) e a formação de uma direita religiosa (1972-1984)*. **Lua Nova**, São Paulo, 120: 91-122, 2023.
- MACHADO, Rodolfo Costa. **Por dentro da Liga Mundial Anticomunista – gênese e gestão da WACL: filonazistas, contrarrevolução asiática e o protótipo latinoamericano da Operação Condor (1943-1976)**. 2022. Prof. Dr. Antonio Rago Filho. Tese, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2022.
- MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. Informe n.º 194/00-4 (06 Jun 68). Assunto: WLADIMIR LODYGENSKY. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/10811/br_dfanbsb_vaz_0_0_10811_d0001de0001.pdf
- MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. Informe n.º 223/004 (27 Julho 65). Atividades do Sr WLADIMIR LODYGENSKY. Quarta Zona Aérea, Quartel-General, 2ª Seção. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/07694/br_dfanbsb_vaz_0_0_07694_d0001de0001.pdf
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1960)**. Tese. Universidade de São Paulo, 2000.
- RIBEIRO, Marcos Vinícius. **A história da Confederação Anticomunista Latino-americana durante as ditaduras de segurança nacional (1972-1979)**. Tese. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2018.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.
- SOCIEDADE DE ESTUDOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS (SEPES). Congresso da Liga Anticomunista Mundial: Dossiê. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/eni/0044/br_dfanbsb_z4_dpn_eni_0044_d0001de0001.pdf

SERVIÇO FEDERAL DE INFORMAÇÕES E CONTRAINFORMAÇÕES (SFICI). Estudo. (Em 10-7-1959). SOCIEDADE DE ESTUDOS INTERAMERICANOS, SEI. Arquivo Nacional, Brasil.

Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_n8/0/psn/est/0654/br_dfanbsb_n8_0_psn_est_0654_d0001de0001.pdf

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES (SNI). Curso de Guerrilha no Exterior. Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_Dfanbsb_V8/MIC/GNC/EEE/82010367/BR_Dfanbsb_V8_MIC_GNC_EEE_82010367_d0001de0001.pdf

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, Pátria e Família. As mulheres no golpe de 1964**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

UNIÃO CÍVICA FEMININA (UCF). Carta a Paulo Assis Ribeiro. Programa do Próximo Curso de Liderança. São Paulo, 1964, Arquivo Nacional, Brasil. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_s7/0/txt/cx146/br_rjanrio_s7_0_txt_cx146_pt002_d0001de0001.pdf

Notas

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio de doutorado sanduíche (Fulbright-Brasil) na Columbia University in the City of New York. Professor da PUC-SP na Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEA) e da UniPinhal-Centro Universitário Regional de Espírito Santo do Pinhal. Pesquisador do Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder (NEHTIPO/PUC-SP): <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7719> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2145370852017959> Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8639-3550> E-mail: rod.cmachado@gmail.com

² Castro Rocha sugere “uma mudança radical de atitude: *a passagem da caricatura à caracterização*. Eis a hipótese de meu trabalho: *a guerra cultural bolsonarista*, que se beneficia de uma técnica discursiva, *a retórica do ódio*, ensinada nas últimas décadas por Olavo de Carvalho, conduzirá o país ao caos social, à paralisia da administração público e ao déficit cognitivo definidor do *analfabetismo ideológico*, outro conceito novo que apresento, e com o qual descrevo a negação da realidade e o desprezo pela ciência, que estruturam o bolsonarismo” (ROCHA, 2021, p. 23).

³ A síntese dessa posição historicamente errônea, que a despeito disso é capaz de lançar luz ao *é da coisa*, isto é, ao ente concreto a ser enfrentado, coube ao influente jornalista político Reinaldo Azevedo. “Esta evidência que nós temos aqui [no Brasil], por incrível que pareça, com toda a sua tacanhice, com todos os seus absurdos, com todas as suas ridículas, o bolsonarismo é a primeira vez em que a direita brasileira, a extrema-direita, se internacionalizou. Vocês já repararam nisso? Nós temos uma extrema-direita internacionalizada. Nunca tivemos. A extrema-direita brasileira sempre foi muito caipira (...) então, a nossa extrema-direita sempre foi uma extrema-direita caipira, localista. A primeira vez em que a direita brasileira tem uma dimensão internacionalista é agora, com Bolsonaro. E o movimento anti-vacina é uma das bases, é um desses pilares, dessa extrema-direita internacional” (AZEVEDO, 2022).

⁴ “O IBAD agia como uma unidade tática e o IPES operava como centro estratégico, sendo que o IBAD e outras subsidiárias e paralelas tomavam a si a maior parte do insucesso (ou glória) por atividades secretas, expondo-se muito mais do que o IPES. O equilíbrio entre atividades a longo e curto prazo era delicado, embora o padrão que parecia ter surgido era aquele de grupos paralelos operando nos dois níveis, escorando grupos e organizações contingentes e com objetivos específicos e limitados, quando se fizesse necessário. Astuciosamente, Raul Pilla, líder do Partido Libertador, observou que ‘duas instituições muito úteis foram organizadas, uma visando estudos doutrinários para disseminar idéias e esclarecer os cidadãos, a outra para ação política, levando-os a cumprir seus deveres patrióticos’ (DREIFUSS, 1980, p. 164). Para o *Quem é quem* dos militares do “núcleo do grupo da ESG” no complexo IPÊS/IBAD, “conduzido pelo General Golbery [do Couto e Silva], General [Heitor de Almeida] Herrera e General Liberato [da Cunha Friedrich]”, e que reuniu generais como Cordeiro de Farias, Jurandir Bizarria Mamede, Orlando Geisel, Ernesto Geisel, conferir DREIFUSS, 1980, p. 369-370.

⁵ “Segundo o relatório da UCF, ‘o IPES funcionava como uma Cia. de seguros que se voltasse para a iniciativa privada em todos os níveis contra pressões do Comando Geral dos Trabalhadores [CGT] sobre o Governo Goulart’. Contam, então, que ‘aqueles empresários já haviam levado a seus lares o grande problema, familiarizando suas

senhoras com aquele estado de coisas’ e que ‘aquela primeira reunião do grupo que se tornaria UCF contou com várias senhoras cujos maridos pertenciam ao IPES, direta ou indiretamente” (SIMÕES, 1985, p. 28).

⁶ “A reunião citada teve lugar na SEI e a ela compareceram, entre outras, Angelina Stockler, Ana Soares Pinto, Beatriz Llerena, Maria Lúcia Silveira Galvão, Maria Mesquita Motta e Silva (presidente do MAF), Maria Violeta Maciel de Castro, Regina Figueiredo Silveira, Blandina Meirelles, Sônia Tibiriçá, Yvette Silveira Carvalho, Zulmira Lunardelli, Maria Pacheco Chaves, Maria Aparecida de Almeida Prado Galvão” (SIMÕES, 1985, p. 28-29).

⁷ A jornalista Denise Assis, referindo-se aos planos da SEI para a instalação de uma “*Colônia de Férias Permante*”, “numa chácara alugada para esse fim”, recuperou seu objetivo de formar “assistentes de Relações Sociais nas empresas, e dar orientação cívica e sindical a trabalhadores e cursos de caráter cívico-social para estudantes. A SEI tornou-se uma das primeiras beneficiadas pelo IPES, em 4 de janeiro de 1962” (ASSIS, 2001, p. 51).

⁸ Georges Lodygensky “esteve especialmente envolvido com a ‘mobilização das forças cristãs’, promovendo a criação da seção religiosa da EIA, a ‘Comissão Pro Deo’, em 1933” (DA SILVA, 2020, p. 258). Em 1936, 18 países enviaram delegações à reunião de Feldafing, Baviera: “Alemanha, Argentina, Áustria, Bolívia, Brasil, Bulgária, Espanha, EUA, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Noruega, Polônia, Portugal, Suécia, Suíça e Iugoslávia. A EIA e a Comissão Pro-Deo, organizações com as quais Raul do Rio Branco, José Carlos de Macedo Soares e Odette de Carvalho e Souza possuíam forte ligação, foram representadas na Conferência por Jacques Le Fort, Georges Lodygensky (Lodygensky Senior), Wladimir Lodygensky (Lodygensky Junior) e René Henstch” (DA SILVA, 2020, p. 246).

⁹ “Quando o decreto de deportação de Elise e Olga foi assinado, Odette de Carvalho e Souza comentou com o secretário da Entente Anticomunista de Genebra, Georges Lodygensky: ‘O decreto de expulsão das esposas de [Harry]Berger e [Luiz Carlos] Prestes acaba de ser assinado. Eu já informei o Chefe de Polícia [Filinto Muller] sobre a necessidade de embarcá-las em um barco que não pare na França ou na Espanha, porque sabemos que a ‘Frente Popular’ tem planos para que elas fujam” (DA SILVA, 2020, p. 243). “Arthur Ewert, capturado sob o nome de Harry Berger, foi atrocemente torturado e obrigado a assistir ao estupro de sua mulher. Ele não disse uma palavra, mas perdeu a razão. A imprensa esgoelava à morte contra aquele que O Globo chamava, em 31 de dezembro de 1935, numa grandemanchete, de ‘filho de Israel, agente de Stalin’. Ele permaneceria pelo resto de sua vida dentro de um hospital psiquiátrico (...) Elisaveta Saborowski, a companheira de Ewert, depois de seu calvário nas mãos dos policiais brasileiros, foi entregue ao governo nazista e morreu em Ravensbruck, em 1939. A mulher de Prestes, Olga Benário, judia alemã e membro do IV Birô do Exército Vermelho, igualmente entregue aos nazistas, morreu, ela também, num campo, executada em 1942” (BROUÉ, 2007, p. 848).

¹⁰ Demais membros: Wladimir Pereira, Ruy Barbosa Baptista Pereira e Ângelo Simões Arruda, antigos integralistas; Renato Maciel de Castro; Pedro Weiscke; o diretor sindical da Delegacia Regional do Trabalho (SP) Nelson Gouveia; Olavo Batista Filho e Pedro Wykoki; a deputada e integrante da Ação Católica Carlota Pereira de Queirós; e o tenente-coronel Henrique Oscar Wiederspahn (DA SILVA, 2020, p. 394).

¹¹ Lodygensky ligou-se ainda com Jacy Magalhães, diretor da Confederação das Indústrias (CNI) (SFICI, 1959, p. 30).

¹² “Outra pessoa ligada a esse Grupo é ELMER GAMBER WILLER, americano e investidor. Também WLADYMYR LODYGENSKY está ligado a GEORGES WALSHBURN, investidor norte-americano e fundador da Empresa Interamericana de Financiamentos S.A.” (SFICI, 1959, p. 28-29).

¹³ O I Congresso Contra a Intervenção Soviética na América Latina de 1954 foi financiado pela CIA para que as direitas regionais avalizassem o golpe de Estado *made in USA* contra o presidente da Guatemala Jacobo Arbenz. Criou-se no II Congresso de 1955, no Rio de Janeiro, a Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC), presidida desde então por Penna Botto, ex-integralista e presidente da Cruzada Brasileira Anticomunista. Cf. “Os Congressos Contra a Intervenção Soviética na América Latina e suas conexões anticomunistas globais (1954-58)” em MACHADO, 2022.

¹⁴ O empresário era do Conselho Diretor e do Conselho Consultivo do IPÊS representando a Melhoramentos (Hasso Weiszflog) (DREIFUSS, 1981, p. 94/549). A família Weiszflog, proprietária da Melhoramentos, vive às sombras de seu passado filonazista, guardado a sete chaves. Durante a II Guerra Mundial, “a Companhia e alguns diretores tiveram seus nomes incluídos na Lista Negra e foram afastados de seus cargos”, entre eles Frederico (Fritz) Guilherme, Alfred e Walter Weiszflog, Johannes Ehlert, Kurt Faltim e Niels Christian Christensen (JERONYMO, 2011, p. 154). “Os membros da família Weiszflog foram vigiados. Para as viagens dos funcionários que necessitavam ir de Caieiras [– cidade da sede operacional da empresa –] para São Paulo ou Santos era necessário o pedido de salvo-conduta. Johannes Ehlert – técnico geral e supervisor dos estabelecimentos fabris de Caieiras – requereu vários salvos condutos às autoridades policiais (...) Kurt Faltim – engenheiro da fábrica e residente do núcleo – e Frederico Guilherme Weiszflog (...) foram detidos e tiveram, de acordo com os prontuários, envolvimento com o nazismo. Assim, como atesta o caso de Mengele, é provável que o isolamento e a autonomia patronal em Caieiras tenham favorecido o abrigo a refugiados alemães do pós-guerra” (JERONYMO, 2011, p. 1544). Mengele, segundo a *Veja*

(12.06.1985), trabalhou “por ‘cinco anos como chefe de manutenção da Melhoramentos, fábrica de papel de Caieiras (SP)’” (Jeronymo, 2011, p. 153-154).

¹⁵ Dois meses depois, o Diretor Tesoureiro da SEI, Renato Maciel de Castro, assinou Recibo, de 30 de maio de 1962, garantindo que a organização de Lodygensky “recebeu da firma IPÊS – INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS a importância de CR\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) em pagamento dos serviços de documentação e publicações da SEI para o mês de junho de 1962” (IPÊS, 1962, p. 10).

¹⁶ Apoiaram a *Alvorada*, além dos membros da SEI Hugo Bethlem, Ernesto de Moraes Leme e Miguel Reale, os líderes ipesianos Antonio Carlos Pacheco e Silva, Theodoro Quartim Barbosa e Paulo Edmur de Souza Queiroz. Além de Tercio Sampaio Ferraz Jr. e Waldo Domingos Claro, “os demais redatores da Alvorada eram Mario Destefani, Carlos Lessa Fonseca, Ronaldo R. B. Poletti, Kalil Rocha Abdala, Cesar Luiz Eduardo C. do Prado, Antonio Borda Aneiva, Mario Zuñiga e Luiz Zuñiga – sendo os três últimos de nacionalidade boliviana” (DA SILVA, 2020, p. 590).

¹⁷ O papel da CAL na perseguição dos *sacerdotes vermelhos* da Teologia da Libertação e na criação de uma direita religiosa é abordada primorosamente por André Kaysel (2023).

¹⁸ “Em contato com o Sr. CARLOS BARBIERI, este informou que: os Centros Militares estavam interessados no Curso, aguardando somente uma decisão do SNI, para a coordenação final das medidas administrativas; em caso de negativa do SNI e Centros, ele tentaria uma composição com outros países latinos, a fim de atingir o efetivo mínimo de 15 alunos” (SNI, 1976, p. 07).

¹⁹ Anotou-se ainda o passado *clacista* de Angrisani Gomes: “O mesmo teria colaborado com o ‘CLASE-CENTRO LATINO-AMERICANO DE COORDENAÇÃO ESTUDANTIL’ (organização, possivelmente subvencionada por grupos econômicos, cujo objetivo seria o de opor-se a uma ofensiva do MCI no meio estudantil) quando este era dirigido por CÉSAR BORDA NEIVA” (SNI, 1976, p. 1).

²⁰ A lista da Diretoria e do Conselho Consultivo da SEPES (biênio 1976-1977) em MACHADO, 2022, p. 1959.

Recebido em: 03 de fev. 2024

Aprovado em: 19 de abr. 2024